

O professor de Arte e a Educação Inclusiva: Cotidianos, vivências.

TAVARES, Tais B. Rutz¹; MEIRA, Mirela R.²

Resumo: Este artigo adota uma perspectiva de que a educação inclusiva é um processo em construção, que não se tem um modelo determinado do que viria a ser uma sociedade e escola inclusiva ideal. De fato, existem pessoas comprometidas com a inclusão de alunos com necessidades especiais na rede regular de ensino e que estão trabalhando para que ela aconteça. Nesse sentido, o presente estudo dirigiu seu olhar para os entraves e enfrentamentos experienciados pelos professores de arte em sala de aula, promovendo discussões sobre parâmetros de normatividade e diversidade social, a fim de perceber a função que a arte exerce neste contexto e sua importância para o mesmo, buscando mecanismos facilitadores para que a educação inclusiva seja realmente efetivada com sucesso no meio escolar.

Palavras Chave: Educação Inclusiva, Professor, Escola, Cotidiano.

INICIANDO

Apresento neste artigo um recorte de meu trabalho de pesquisa, ainda em andamento, sobre as relações da arte com a Educação Inclusiva. Parto da investigação sobre o real impacto gerado no cotidiano escolar do professor de artes no tocante à inserção de alunos com Necessidades Educativas Especiais, em salas de aula de escolas regulares, levando em consideração seu parecer sobre o assunto. Ao tocarmos neste assunto, levantamos uma problemática que envolve não só a sala de aula onde estas crianças com NEE serão inseridas como também todo um sistema educacional já sedimentado que apresenta uma série de entraves, tanto estruturais quanto profissionais.

¹ Professora de Arte e aluna especial do Programa de Pós Graduação em Artes Visuais/ Mestrado, do Centro de Artes da UFPel, Pelotas,RS e integrante do Núcleo Transdisciplinar de Estudos Estéticos/NUTREE/PPGAV/UFPel. taisrutz@yahoo.com.br

² Orientadora. Professora do Programa de Pós Graduação em Artes Visuais/ Mestrado, PPGAV/CeArte e Professora Adjunta da Faculdade de Educação/UFPel; Coordenadora do NUTREE/PPGAV UFPel. mirelameira@gmail.com

A conferência Mundial sobre Educação Para Todos, realizada em 1990 em Jontiem na Tailândia teve como intuito debater o desenvolvimento da educação e o enriquecimento dos valores culturais e morais comuns, promovendo as necessidades básicas da aprendizagem de todas as crianças, jovens e adultos:

As necessidades básicas de aprendizagem das pessoas portadoras de deficiências requerem atenção especial. É preciso tomar medidas que garantam a igualdade de acesso à educação aos portadores de todo e qualquer tipo de deficiência, como parte integrante do sistema educativo. (JONTIEM, 1993, p.7)

Ao contrário de muitos países que estão à frente do Brasil no que se refere à Educação Inclusiva de Alunos com NEE, a vontade de inseri-los na rede formal de ensino partiu inicialmente da comunidade e das escolas envolvidas, para depois se constitucionalizar em lei. No Brasil, esta situação aconteceu de forma inversa, primeiro se gerou a lei, para que através dela, as escolas tivessem que adaptar a este novo sistema de ensino.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacionais n.9.394/96, nos diz que a Educação Especial deve ser ofertada preferencialmente na rede regular de ensino, garantindo, sempre que necessário apoio especializado.

Não se pode afirmar que não fosse da vontade das escolas brasileiras adotarem esta nova forma de ensino, mas para que ela pudesse oferecer uma educação de qualidade para todos, precisaria de mais preparos tanto físicos como profissionais, teria que se pensar em toda uma reestruturação do ensino, para então sim ser capaz de atender as diversidades educativas de seus alunos, o que no presente momento ainda não ocorre de forma satisfatória.

Ao nos depararmos a esta situação que envolve não só a sala de aula onde estas crianças com NEE devem ser inseridas, mas todo um sistema educacional vigente no país. Surge neste momento com o objetivo geral de minha pesquisa, averiguar qual o papel do professor de arte perante a educação inclusiva. Pois através de sua rotina escolar modificada pela educação inclusiva, juntamente com sua vivencia em sala de aula, pode-se extrair considerações importantes sobre o assunto. E tenho como objetivos específicos: Analisar a função da escola no processo inclusivo, discutir quais são as possíveis dificuldades e soluções encontradas pelos professores de arte quando se deparam com esta situação, e neste contexto identificar a importância da arte na inclusão destes alunos. Enfim,

essas análises são necessárias para que a escola que queremos seja um ambiente receptivo a diversidade de seus alunos.

A pesquisa apresenta uma abordagem qualitativa, sendo o presente artigo um recorte de minha monografia de conclusão da Especialização de Ensino e Percursos Poéticos do Centro de Artes da UFPel – Pelotas/RS, onde pretende-se coletar falas de 3 professores de arte da rede regular de ensino, investigando experiências e estratégias desenvolvidas por esses profissionais em relação ao processo de inclusão, afim de analisar seu papel neste processo, além de verificar quais as alterações sofridas no cotidiano escolar deste professor.

Espera-se que os estudos sobre este assunto lancem esclarecimentos no que diz respeito à Educação Inclusiva, que ainda hoje se encontra carente de operacionalização frente à nova situação educacional em vigor, que recomenda a inclusão destes alunos com NEE em salas regulares. Espera-se ainda que tais análises contribuam para que a escola que se almeja não seja um ambiente excludente, mas sim receptível à diversidade, à criação, à expressão e ao florescimento da sensibilidade.

DA ESCOLA PARA A VIDA

A escola detém em suas mãos um grande desafio e compromisso para com esse aluno com NEE, devendo estar consciente que antes de transmitir competências e conteúdos teóricos da educação, deve-se ter em mente que a escola tem como papel primordial, desenvolver mecanismos que auxiliem este aluno para que ele possa viver em sociedade.

... a escola, além de se ocupar com o ensino, compreende-se como ambiente social da infância e adolescência por excelência, momento da vida de uma pessoa em formação, em que se ganha grande parte dos saberes informais importantíssimos para a vida toda, como respeito, amizade, amor, enfim momento de relacionamento humano, então a inclusão ganha sentido, e os alunos, todos, devem participar da mesma aula, realizando aquilo que podem. (SELAU, 2007, P.62,63)

Infelizmente tem-se a consciência que nem sempre é assim que acontece, muitas vezes, a temática da inclusão, se não for levada a sério, e a escola não se munir de estratégias para o sucesso deste processo, ao invés de inserir pode excluir ainda mais estes alunos do convívio com os demais colegas.

A escola possui um ambiente valioso em heterogeneidade, pois a diversidade cultural, social e até mesmo econômica, circula todos os dias em suas salas de aula, mas isso, muitas vezes, é ignorado por algumas Instituições padronizadoras, que possuem um sistema de ensino engessado, que rege como um dos seus objetivos primordiais a preparação do aluno para o mercado de trabalho que fica cada dia mais competitivo e exigente.

Precisamos entender que as crianças são diferentes entre si, únicas em sua forma de pensar e aprender (...) não apenas as que apresentam alguma limitação ou deficiência são especiais. Por isto, também é errado exigir de diferentes crianças o mesmo desempenho e lidar com elas de maneira uniforme. O ensino deve ser organizado de forma que contemple as crianças em suas distintas capacidades (BEYER, 2010, p.28-29).

Um ambiente que trabalhe e valorize a diversidade é essencial para o desenvolvimento satisfatório do processo de inclusão. Quando se trabalha em um ambiente assim, a troca de experiências dentro de um grupo heterogêneo é muito fértil e contribui para o processo de evolução de suas aprendizagens, pois trabalha com a ideia de construção coletiva do conhecimento.

O PROFESSOR DE ARTE NO CONTEXTO DA ED. INCLUSIVA.

Em se tratando de educação inclusiva de alunos com necessidades educacionais especiais, o professor possui um papel de destaque, pois em parte, depende dele o sucesso da inclusão, sua dedicação e anseio são fundamentais.

Sabe-se que o cotidiano deste profissional dentro de sala de aula irá ser completamente modificado para que possa atender aos alunos com NEE, e na maioria das vezes esse professor não recebe nenhum preparo especializado, é neste momento que se questiona como ele pode desenvolver mecanismos e

estratégias para desenvolver aulas que contemplem as diversidades de seus alunos de um modo geral?

O professor de arte tem em suas mãos uma importante ferramenta no processo de inclusão, pois a arte lida em seu processo criador, com a experiência estética, afetiva, a emoção, o sentimento, a sensibilidade das pessoas. A afetividade é crucial para a adaptação do aluno com NEE no ambiente escolar: “qualquer atividade pressupõe a presença de um estímulo afetivo. Sem afetividade não é possível se estabelecer um vínculo de aproximação com a criança dita especial” (VYGOTSKI apud SELAU, 2007, p.83).

Quando falamos em educação inclusiva de alunos com necessidades educacionais especiais, devemos ter em mente que ela não se dá pelo simples fato de inserir a criança dita com NEE entre os considerados *normais* e esperar que se faça a inclusão por si só, cabe ao professor, como mediador, provocar interações e viabilizar o envolvimento social desejado, para que se relacionem e colaborem umas com as outras. Crianças normais, na interação com pessoas com necessidades educacionais especiais ganham muito, desenvolvem potencialidades de compreensão das dificuldades do outro, se humanizam.

Deve-se ter cuidado com os “pré-julgamentos”, que em vez de incentivarmos e impulsionarmos o aluno com NEE para o progresso, o condenamos e limitamos cada vez mais, através de avaliações pessimistas e engessadas, não se pode interpretar a “deficiência” de forma condenadora e sinônimo de fracasso e estagnação, mas sim como instrumento motivacional para a superação. E isso deve ser considerado principalmente no âmbito escolar, pois o professor deve enxergar além da deficiência do aluno, ao invés de se preocupar com suas limitações e com aquilo que seu aluno não consegue fazer, deve valorizar o que o aluno conseguiu desenvolver e evoluir dentro do que lhe é proposto.

Saber reconhecer o esforço do aluno NEE em sala de aula, e compreender que muitas vezes o que parece uma simples atividade para os demais, para este aluno especial pode representar um significativo avanço e uma conquista muito mais significativa. Só pelo simples fato deste aluno estar inserido e se relacionar positivamente com diferentes colegas com ou sem necessidades especiais, já é um grande avanço para o sucesso da educação inclusiva.

Trabalhos em grupo também são facilitadores neste processo de inclusão, através da relação estabelecida nesta troca de conhecimentos, o que pode colaborar na formação de vínculos entre seus integrantes, facilitando a adaptação na rede regular de ensino, e a avaliação dos mesmos, deve ser dada de forma processual, considerando suas particularidades. (RUTZ, 2010, pg.24)

Como professores de arte, temos o papel de enfrentar estes abismos de rotulações, promovendo a diversidade e o acolhimento. Para tanto, não podemos nos limitar às imposições culturais de uma massa dominante, devemos valorizar as diferenças, buscando a constituição de um ambiente escolar realmente inclusivo, tanto para os alunos que tenham algum tipo de limitação ou necessidade educacional especial quanto para os demais.

O ENSINO DE ARTE E SUA IMPORTÂNCIA

A arte no contexto da educação inclusiva, ela possui características específicas que a diferencia das demais áreas do conhecimento, trabalhando não só com o desenvolvimento cognitivo do ser humano como também seu desenvolvimento sensível, instiga a expressão movida pela emoção, intuição e o pensar sobre aquilo que se exterioriza proporcionando aos alunos uma riqueza em conhecimento única, advinda da experiência estética, conhecimento esse que, se bem trabalhado, produz relações com seus cotidianos, produzindo assim, sentido para os mesmos, ampliando a compreensão a respeito de si mesmo e de sua relação com o mundo.

Sendo assim:

A arte se mostra importante tanto no currículo como na vida, pois resgata e trabalha no afloramento e qualificação da sensibilidade no ser humano, sendo assim uma condutora da humanização do mesmo, e isso pode ser constatado principalmente no viés da Educação Inclusiva. (Rutz, 2010, pg.8)

O ensino de artes procura desenvolver o potencial criador das crianças, ultrapassando o discurso verbal, permitindo a busca de outras formas de

comunicação e expressão. Nas propostas de trabalho oferecidas nas aulas de arte, o aluno tem a possibilidade de exteriorizar seus sentimentos, através de representações em desenhos e outros trabalhos práticos bem como em exercícios de expressão corporal, o que facilita para o professor a identificação das maiores dificuldades enfrentadas por seus alunos, para que possa auxiliá-los. Trabalha-se também no desenvolvimento do reconhecimento das semelhanças e diferenças de cada ser humano, possibilitando assim desenvolver conceitos como de socialização e cidadania, que são essenciais para o sucesso da educação inclusiva além de proporcionar aos mesmos uma atividade prazerosa e um campo rico para o desenvolvimento expressivo e social.

O ensino de arte é capaz de ofertar experiências e momentos ricos em sensibilização, criação e expressão, que podem ampliar a Assim, desenvolve não só a percepção cognitiva como também a sensível do aluno, auxiliando na formação de pessoas mais humanas perante a sociedade. Dessa forma, é possível desenvolver mais facilmente uma educação para todos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Visto que o presente artigo é um recorte de minha pesquisa para monografia da Especialização que ainda esta em andamento, tenho a possibilidade de concluir parcialmente que tanto a escola como o professor e a arte exercem funções vitais para o sucesso da educação inclusiva.

Tenho a convicção de que os assuntos abordados no discorrer deste artigo sejam de utilidade para aqueles se interessam e acreditam em um sistema de ensino que seja mais receptivo as diferenças, da mesma forma que tenho a consciência de que as dimensões deste trabalho talvez não sejam suficientes para dar conta de todos os questionamentos que surgem deste assunto tão recente e polêmico. Todavia, visto que o trabalho é focado em uma amostra, pode contribuir para um melhor esclarecimento de duvidas frequentes que surgem no cotidiano escolar de professores de arte, a fim de que possam desenvolver, da melhor forma

possível, seu exercício docente, contribuindo para o sucesso de uma escola para todos.

Em fim conclui-se que as relações entre escolas regulares e alunos com necessidades especiais ainda é muito recente, deixando visível que ainda existe um longo caminho a ser percorrido, mas é prescindível que a escola demonstre interesse por esse processo, e prese pelos princípios de uma Educação Inclusiva. E assim como a escola a arte possui um grande potencial para alavancar o processo inclusivo, pois ela auxilia na transformação de uma prática educativa em um método de inclusão social efetivo, ao buscar a integralidade entre o sentir e o pensar, resgatando e trabalhando no afloramento e qualificação da sensibilidade no ser humano, sendo assim uma condutora da humanização do mesmo.

Salienta-se também o importante papel de mediador que o professor realiza para que a inclusão se concretize. E que mais que formar pessoas aptas para o mercado de trabalho, a escola deve desenvolver a humanização do ser humano, afim de que se tornem pessoas mais compreensivas com as diferenças.

Conclui-se por fim, através do que se apresentou neste artigo que os trabalhos desenvolvidos em sala de aula regular para alunos com NEE são fundamentais, não no sentido de que ele irá aprender mais, ou melhor, mas no sentido de que barreiras preconceituosas e segregadoras do passado não podem mais ser reforçadas, é fundamental que as escolas regulares provoquem interações com pessoas de diferentes culturas, personalidades e singularidades, a fim de se construam vínculos e se proporcione a troca de conhecimentos entre eles.

Quanto mais cedo se trabalhe com o desenvolvimento de princípios como o da humanização da educação, melhor é plantada a semente da afetividade e do respeito às diferenças na consciência dos alunos, e maiores são as chances de êxito para a Educação Inclusiva se sedimentar definitivamente no ambiente escolar.

Referencias Bibliográficas

BEYER, Hugo Otto. **Inclusão e avaliação na escola: de alunos com necessidades educacionais especiais**. 3ª Edição. Porto Alegre: Mediação, 2010. 128p.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. **Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na educação básica**. Resolução CNE/CEB, n.2, 11 set, 2001.

BRASIL, Lei n. 9.394. de 20 de dezembro de 1996. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB)**. Diário Oficial da União, Brasília/DF, n. 248, dez. 1996.

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental, **Parâmetros Curriculares Nacionais: Arte – 5º a 8º séries**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

JONTIEM, **Declaração Mundial Sobre Educação Para Todos**. Tailândia. 1993.

RUTZ, Tais B. **Educação Inclusiva e Ensino de Arte, Percalços entre teoria e prática**. 2010. . 27f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação: Licenciatura em Artes Visuais) - Instituto de Artes Visuais, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas.

SELAU, Bento. **Inclusão na sala de aula**. Porto Alegre: Evangraf, 2007. 123p.